

24 JUN 1987

P. 2

Política

Sarney admite que agora só o pacto político é possível

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney admitiu ontem, ao receber o senador Marco Maciel (PE), presidente do PFL, a possibilidade de trocar a proposta de pacto social pela de pacto político. "O pacto social implica negociações muito complicadas, que podem deixar de fora segmentos importantes mas mal-organizados", explicou o ex-ministro ao sair do Palácio do Planalto, depois de interromper uma reunião de seu partido de mais de três horas para encontrar-se com Sarney.

Se o pacto social corre o perigo de não sair, o pacto político fica mais acessível, pois "o governo dispõe de estruturas partidárias consolidadas e organizadas". Marco Maciel foi encarregado por Sarney de atuar como articulador desse pacto no Congresso, a começar hoje pelo PT, conversar amanhã com Leonel Brizola, do PDT, e depois com o PDS.

Ao mesmo tempo, no entanto, o presidente do PFL, terá de domar os ânimos no seu partido, que desde já dificulta qualquer idéia de pacto político imaginada por Sarney ou mesmo por Maciel. Na reunião de ontem, os presidentes regionais surpreenderam a cúpula nacional com vários pedidos de rompimento da Aliança Democrática e com críticas ao "atrelamento do PFL com a direita" na Constituinte.

Até a atitude de Marco Maciel de interromper a reunião para ir ao encontro marcado com o presidente Sarney desagradou alguns liberais. O presidente do diretório de Goiás, deputado Wilmar Rocha, chegou a sugerir que a audiência fosse cancelada, por considerar "Inoportuno quebrar o ritmo da reunião". Prevaleceu a audiência do presidente da República.

RESPOSTA MORNA

A reunião foi aberta com um discurso de Maciel pedindo aos dirigentes regionais que se engajassem na campanha nacional pela lidação partidária. O presidente liberal explicou que, apesar de o partido estar estruturado regional e nacionalmente, apenas 50% dos municípios brasileiros possuem diretórios. "Este é o ano do partido. Precisamos mobilizar para disputar, com êxito, as eleições

municipais do próximo ano" — destacou Maciel.

Seu otimismo, contudo, não contagiou os dirigentes regionais. O do Paraná, Werner Wander, afirmou que 98% das bases de seu Estado querem o rompimento com o PMDB e estão aguardando a convenção nacional para definir a questão. Ezio Ferreira, da Amazônia, queixou-se dos ministros do PFL, os quais, segundo ele, não estão ajudando o partido. Emir de Macedo Soares sintetizou numa frase a insatisfação dos liberais com o parecer da Aliança Democrática: "Vamos, mais uma vez, nas próximas eleições, segurar o cabrito para o PMDB mamar".

E os dirigentes regionais não querem abrir mão da convenção nacional. A cúpula do PFL tem a intenção de adiá-la para setembro, mas os 23 dirigentes presentes à reunião de ontem exigiram que ela seja realizada o mais breve possível. A data combinada é 4 e 5 de julho, duas semanas antes da convenção extraordinária do PMDB.

Os líderes do PFL, senador Carlos Chafelli e deputado Inocêncio Oliveira (interino), pregaram a necessidade de o partido apoiar incisivamente o Plano Bresser, para evitar que mais uma vez o PMDB acabe usufruindo sozinho, como aconteceu com o primeiro Plano Cruzado. Chafelli discordou das críticas dos dirigentes regionais, dizendo que seu partido "não está atrelado nem à direita estagnante nem à esquerda estatizante" na Constituinte. Mas Inocêncio admitiu que o PFL "foi obrigado a fechar com a direita para evitar o radicalismo da esquerda".

SEM MANIQUEISMO

Três deputados do PFL — Lúcio Alcântara, Humberto Souto e Jaime Santana — estiveram ontem com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, para pedir sua colaboração para uma fórmula que derrube o atual maniqueísmo entre esquerda e direita na Constituinte.

A idéia dos liberais é falar não só com Ulysses, como com Marco Maciel, com o relator da Sistematização, Bernardo Cabral, para então chegar a todos os senadores e deputados de todos os partidos, para acabar com a intransigência de ambos os lados.